

**PRÁTICAS AVALIATIVAS DOS EDUCADORES
DO CEJLL – NAVE**

André Luís Gomes (NAVE)

andreluisgomes.nave@gmail.com

Aurea Maria Moreira Romero (NAVE)

amoreiraromero@gmail.com

Elisabeth Henriques Cesar (NAVE)

beth.hc@oi.com.br

Renata da Silva de Barcellos (NAVE/UNICARIOCA)

osbarcellos@ig.com.br

O que pretendo introduzir neste texto é a perspectiva da ação avaliativa como uma das mediações pela qual se encorajaria a reorganização do saber. Ação, movimento, provocação, na tentativa de reciprocidade intelectual entre os elementos da ação educativa. Professor e aluno buscando coordenar seus pontos de vista, trocando ideias, reorganizando-as. (HOFFMANN, 1991, p. 67).

RESUMO

O trabalho consiste em apresentar uma reflexão acerca do processo avaliativo em uma escola tecnológica da rede estadual, Colégio Estadual José Leite Lopes – NAVE. Esta instituição oferece um ensino médio integral e integrado à educação profissional numa parceria da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro com o Instituto OI Futuro. Em um mundo onde o fluxo de informações é intenso e em permanente mudança, a nova era oferece múltiplas possibilidades de construção de conhecimento. Desse modo, sugerimos que a avaliação seja ressignificada nos novos paradigmas que a sociedade e o mercado de trabalho exigem. A metodologia adotada é com base na análise das demandas dos nativos digitais, do ENEM, dos vestibulares; das orientações educacionais como PCN (2002), teoria de Vygotsky (1994) e de Perrenoud (1999); e na perspectiva dialógica da linguagem e do gênero do discurso de Bakhtin (1997). Para isso, ao longo do artigo, analisaremos a definição de avaliação para os educadores desta instituição, classificaremos cada um nas respectivas funções: diagnóstica, somativa, mediadora e/ou formativa e proporemos uma categoria para cada um de acordo com o seu entendimento da temática. A hipótese da pesquisa foi ratificada: as práticas realizadas ainda são restritas ao cognitivo muitas vezes. Não sendo a função formativa predominante por causa das metas (entrada no mercado de trabalho e ingresso na universidade) estabelecidas pelas parcerias Oi Futuro e SEE.

Palavras-chave: Avaliação. Ensino. Tecnologia. Construção do conhecimento

1. Introdução

Os educadores se veem imersos cada vez mais em inúmeros desafios desde como motivar os educandos até o uso da tecnologia. De que maneira podemos ter êxito nessas diversas angústias? Construir os conhecimentos das diferentes áreas do saber (no caso desta instituição, núcleo comum e técnico) é um ofício árduo. Ainda mais em uma instituição cujo ensino é integral e integrado com base na educação interdimensional.⁷⁷

Assim, ao docente é importante assumir em sua prática avaliativa

[...] à análise qualitativa da aprendizagem do educando e de toda a prática escolar significa muito mais do que abandonar algumas técnicas e instrumentos de avaliação e rever o sistema de notas e conceitos, pois implica redefinir, numa dimensão teórico-prática, pressupostos que irão nortear um fazer pedagógico significativo, no qual o conhecimento não seja visto como algo a ser adquirido, nem como algo independente dos sujeitos, das relações entre eles nem da relação que estes estabelecem com o próprio conhecimento e com a cultura. (LUIS, 2003, p. 35-36)

As mudanças oriundas da inserção tecnológica na atualidade exigem que os educadores das diversas áreas do saber repensem e redefinam suas práticas pedagógicas com vista à busca de novos sentidos e de novas metodologias para a construção do conhecimento e, conseqüentemente para a sua avaliação. Vivemos em um mundo contemporâneo onde os desafios são fundamentais para a reconstrução do entendimento da sala de aula e de processos de avaliação. Neste sentido, a temática da avaliação permanece, mais do que nunca, nos debates dos meios acadêmicos e da sociedade em geral.

Nesta NAVE, novas experiências devem ser propostas para que práticas inovadoras decolem pela rede estadual (atendendo ao propósito institucional). Sendo assim, o educador não é mais aquele que tem à sua frente educandos mudos, e que detém todo o conhecimento para transmi-

⁷⁷ É a proposta pedagógica que procura articular os fins e os meios da ação educativa, visando tornar real esta expectativa com base numa visão do homem, do mundo e do conhecimento consistente com as exigências dos novos tempos. O relatório nos fala da necessidade de uma educação pluridimensional e assim fundamenta sua necessidade: Contesta-se a pertinência dos sistemas educativos criados ao longo dos anos – tanto formais como informais – e a sua capacidade de adaptação é posta em causa. Estes sistemas, apesar do extraordinário desenvolvimento da escolarização mostraram-se, por natureza, pouco flexíveis e estão à mercê do erro de antecipação, sobretudo quando se trata de preparar competências para o futuro".

http://www.modusfaciendi.com.br/midia_entrevista.htm

tir o saber estabelecido. Hoje, ele é um orientador para um educando-pesquisador, que formata seu próprio saber.

Uma postura reflexiva se faz necessária na relação entre esses interagentes para definir o que será construído em sala de aula. Segundo a LDB 9.394/96, o docente será mediador

Art. 35 –

I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

Art. 36-

§ 3º a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores. Os cursos do ensino médio terão equivalência legal e habilitarão ao prosseguimento de estudos.

Ao educador é preponderante exercer uma figura mediadora, de extrema relevância no sentido de fazer ensino e avaliação que permite a preparação de cidadãos críticos e participativos.

Partindo do pressuposto da educação integral, a avaliação, necessariamente, deixa de ser algo pontual, no fim do processo, para se tornar contínua. Dessa forma, é possível conhecer melhor as competências e habilidades de cada indivíduo, regular a forma do conteúdo em função das necessidades, verificar o desenvolvimento individual.

As práticas avaliativas devem servir como suporte para que os educadores e educandos reforcem ou ajustem as estratégias adotadas na construção do conhecimento. Como o objetivo principal é investigar novas práticas avaliativas condizentes com o jovem do mundo contemporâneo e o uso de novas tecnologias, a proposta é replicar os resultados obtidos para toda a rede pública estadual do Rio de Janeiro, tomando como objetivos específicos:

- Realizar pesquisa bibliográfica acerca de práticas avaliativas;
- Fazer um levantamento e sistematizar o conjunto de práticas aplicadas pelos educadores do CEJLL/NAVE;
- Conhecer o modo como os educadores avaliam seus educandos pelos educadores no CEJLL/NAVE;

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

- Identificar os possíveis recursos usados no momento de avaliar;
- Apresentar as práticas avaliativas realizadas no CEJLL/NAVE através da criação de um infográfico comparativo

Este trabalho se enquadra no âmbito de um dos times de pesquisa dos educadores do núcleo comum e técnico Colégio Estadual José Leite Lopes/NAVE-RJ, situado na Rua Uruguai, 204, Tijuca – RJ. Faz-se necessário ressaltar que a instituição é integral e profissionalizante cuja fundamentação teórica é de um ensino interdimensional. A proposta do governo do Estado atende a atual necessidade do mercado de trabalho: formar jovens capazes de exercerem a cidadania e ingressarem no mercado de trabalho de forma qualificada. Os cursos técnicos oferecidos são: *Roteiro para novas mídias*, *Multimídia e Programação de jogos*, considerando que, de acordo com Paro (1998), o que se pretende através da educação escolar é que se concorra para a emancipação do indivíduo, enquanto cidadão ativo na sociedade.

No que concerne à avaliação, a trajetória de suas funções ao longo da história mostra que o processo não segue padrões rígidos. São determinadas por dimensões pedagógicas, históricas, sociais, econômicas e até mesmo políticas, diretamente relacionadas ao contexto em que se insere (BATISTA, GURGEL, SOARES, 2006, p. 3).

Epistemologicamente, avaliar vem do latim *a + valere* que significa atribuir valor e mérito ao objeto em estudo. Algumas definições a respeito da avaliação são elucidadas por Sant’Anna (1995):

Avaliação educativa é um processo complexo, que começa com a formulação de objetivos e requer a elaboração de meios para obter evidência de resultados, interpretação dos resultados para saber em que medida foram os objetivos alcançados e formulação de um juízo de valor. (SARABI, 1971 *apud* SANT’ANNA, 1995, p. 28)

Esteban (2000) realça essa importância da avaliação como “parte de um processo mais amplo de discussão do fracasso escolar, dos mecanismos que o constituem e possibilidades de reversão desse quadro com a construção do sucesso escolar de todas as crianças...” (ESTEBAN, 2000, p. 8). Por isso, a autora defende que há a necessidade de se criar “uma nova cultura sobre a avaliação, que ultrapasse os limites da técnica e incorpore em sua dinâmica a dimensão ética e de engendrar mecanismos de intervenção na dinâmica inclusão/exclusão social”. (*Idem, ibidem*)

Nesta perspectiva, chegamos ao problema que propomos investigar nesta pesquisa: as práticas avaliativas aplicadas no CEJLL/NAVE es-

tão alinhadas com uma metodologia que busca a formação integral dos seus educandos?

A educação não tem como objeto real armar o cidadão para uma guerra, a da competição com os demais. Sua finalidade, cada vez menos buscada e menos atingida, é a de formar gente capaz de se situar corretamente no mundo e de influir para que se aperfeiçoe a sociedade humana como um todo. A educação feita mercadoria reproduz e amplia as desigualdades, sem extirpar as mazelas da ignorância. Educação apenas para a produção setorial, educação apenas profissional, educação apenas consumista, cria, afinal, gente deseducada para a vida. (MILTON SANTOS)

Nossa pesquisa tem como suporte teórico os autores Candido Alberto Gomes com a obra *A Educação e as Novas Perspectivas Sociológicas*, que traz sugestões que ajudem os educadores a refletirem sobre suas ações como docentes. *Por uma Educação Interdimensional*, Antônio Gomes Costa⁷⁸; *LDB – Lei de diretrizes de base da educação*; a obra *Práticas Avaliativas e Aprendizagens Significativas em Diferentes Áreas de Currículo*, de Jussara Hoffman, Jansen Felipe da Silva e Maria Teresa Esteban. Para nortear a análise dos *corpus*, contamos com *O Questionário na Pesquisa Científica*, de Anivaldo Tadeu Roston Chagas; *A Elaboração de Questionários na Pesquisa Quantitativa*, de Antonio José Manzato e Adriana Barbosa Santos.

“Os Quatro Pilares da Educação”, do Relatório Jacques Delors – *Educação: um tesouro a descobrir* – apontam na direção de um ensino capaz de superar suas próprias tendências e se abrir para práticas e vivências de sentido existencial, social, produtivo e cognitivo, de impacto mais abrangente e profundo. Isso ocorre porque a compreensão de que os educandos devem desenvolver competências pessoais, sociais, produtivas e cognitivas permite que os educadores ultrapassem os limites do intelectualismo e se abram para a necessidade de repensar o conjunto das oportunidades de desenvolvimento pessoal e social oferecido aos nativos digitais⁷⁸.

2. Metodologia

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa quantitativa. Os métodos de pesquisa quantitativa, de modo geral, são utilizados

⁷⁸ O conceito de nativos digitais foi cunhado pelo educador e pesquisador Marc Prensky (2001) para descrever a geração de jovens nascidos a partir da disponibilidade de informações rápidas e acessíveis na grande rede de computadores – a Web.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

quando se quer medir opiniões, reações, sensações, hábitos, atitudes etc. de um universo (público-alvo) através de uma amostra que o represente de forma estatisticamente comprovada. Isso não quer dizer que ela não possa ter indicadores qualitativos. Desde que o estudo permita, isso sempre é possível.

Inserir a quantidade de educador – total – e de cada grupo: núcleo comum e de cada técnico.

As respostas dos educadores serão apresentadas a partir da análise por área de conhecimento e organizadas em um quadro (no final desta seção). Após ler e reler as reflexões acerca do ato avaliativo, estas foram separadas e agrupadas em 4 categorias, oriundas durante esta análise, para o seguinte questionamento:

1- O que você entende por avaliação? 2- Que tipos de práticas são adotadas? 3- Você costuma realizar algum tipo de avaliação integrada, no caso de participar de algum projeto integrado?

As etapas da pesquisa são:

- I- Leitura de bibliografia sobre práticas educativas e avaliativas;
- II- Aplicação de questionário em torno das práticas avaliativas dos educadores do CEJLL/NAVE;
- III- Análise dos questionários (da primeira questão: o que é avaliação?) das práticas avaliativas dos educadores do CEJLL/NAVE;
- IV- Criação de uma tabela com as funções avaliativas e as áreas de conhecimento realizadas no CEJLL/NAVE;
- V- Proposta de uma categoria a partir da análise da resposta de cada educador sobre a temática;
- VI- Elaboração de artigo(s).

A metodologia consiste desde a elaboração de calendário (primeiro semestre: levantamento da bibliografia e leitura e aplicação de um questionário prévio – segundo semestre: análise do pré-questionário – elaboração das questões norteadoras da entrevista – entrevista – análise do *corpus* – proposta de uma categoria e elaboração do artigo). A partir dos resultados obtidos, em um desdobramento da pesquisa, faremos uma intervenção (dependendo dos resultados) com práticas pedagógicas descobertas nas entrevistas e grupos focais com os educadores e da própria equipe (princípio da não neutralidade do pesquisador encontrados em

Weber: ciência como vocação que contrapõe Émile Durkheim que acredita na necessidade e na importância da neutralidade do pesquisador.

Para Weber

A neutralidade axiológica significa que o fundamento da ciência não reside numa objetividade pura de ordem ideal, mas que depende sempre das escolhas valorativas do cientista. O apelo aos valores integra plenamente todo o procedimento científico, já que a construção de conceitos ou de tipos ideais, assim como o estabelecimento de relações causais, depende de opções subjetivas últimas que refletem as crenças, as convicções ou as ideologias de cada cientista. Não esqueçamos nunca que a maneira como escolhemos e definimos os nossos objetos de estudo não radica das qualidades destes mesmos objetos, como o pensava Durkheim, mas está orientada em função de uma "relação com os valores". Os conceitos de capitalismo e de socialismo nunca gozam de uma imparcialidade intrínseca, nunca são neutros no sentido de exprimirem uma relação objetiva válida para todos os lugares e em todos os tempos, mas representam simples pontos de vista cientificamente informados. Estas construções não são, no entanto, arbitrárias e não constituem, de forma nenhuma, a finalidade da ciência. (WEBER, p. 28)

3. *Avaliação e suas funções*

De acordo com Luckesi, o processo avaliativo está relacionado ao contexto mundial educacional da época: "(...) não se dá nem se dará num vazio conceitual, mas sim dimensionada por um modelo teórico de mundo e, conseqüentemente de educação, que possa ser traduzido em prática pedagógica" (2002, p. 28).

O termo avaliação educacional foi adotado no contexto escolar com os trabalhos de Ralph Tyler, por volta de 1940 (citado por Vianna, 2000), quando este desenvolveu análises sobre uma nova concepção de aprendizagem. O autor considera a avaliação como um meio para se estabelecer comparações entre os resultados e os objetivos educacionais. Desse modo, a avaliação passa a ser vista como uma atividade prática.

Avaliação é inerente e imprescindível, durante todo processo educativo que se realize em um constante trabalho de ação-reflexão, porque educar é fazer ato de sujeito, é problematizar o mundo em que vivemos para superar as contradições, comprometendo-se com esse mundo para recriá-lo constantemente. (GADOTTI, 1984, p. 90)

Quanto à função da avaliação, temos:

Avaliação diagnóstica é aquela que, ao se iniciar um curso ou um período letivo, dada a diversidade de saberes, o educador verifica o co-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

nhecimento prévio dos educandos. Tal prática tem por finalidade constatar os conhecimentos e habilidades imprescindíveis que os educandos já possuem para que, então, seja feito o planejamento para a preparação de novas aprendizagens.

“A avaliação diagnóstica não se propõe e nem existe uma forma solta isolada. É condição de sua existência e articulação com uma concepção pedagógica progressista”. (LUCKESI, 2003, p. 82)

A avaliação formativa é aquela com a função controladora, sendo realizada durante todo o decorrer do período letivo com o intuito de verificar se os educandos estão atingindo os objetivos previstos. Esse tipo de avaliação se dá no processo de construção do conhecimento, ao longo do dia a dia vivido por educadores e educandos, tendo como base, tarefas contextualizadas. Logo, a avaliação formativa visa, basicamente, avaliar se o educando domina gradativamente e hierarquicamente cada etapa da aprendizagem, antes de prosseguir para uma outra etapa subsequente de ensino-aprendizagem.

Perrenoud (1999) afirma que a avaliação formativa possui como premissa se ocupar das aprendizagens e, conseqüentemente, do desenvolvimento do educando. É uma avaliação que atua no acompanhamento das aprendizagens. Ainda de acordo com Perrenoud, "a avaliação formativa ajuda o aluno a aprender" (PERRENOUD, 1999, p. 103).

Sua realização se desenvolve através da regulação das aprendizagens. Essa regulação só acontece se houver procedimentos que estimulem a participação dos envolvidos no processo, pois o foco desse tipo de avaliação se baseia nas aprendizagens significativas. É através da avaliação formativa que o aluno toma conhecimento dos seus erros e acertos e encontra estímulo para um estudo sistemático. Essa modalidade de avaliação é orientadora, porque orienta o estudo do educando ao trabalho do educador. É motivadora porque, além do acompanhamento diário, evita as tensões causadas pelas avaliações.

Conforme Silva (2006) afirma, em seus estudos, a avaliação formativa, no contexto brasileiro, encontra três dificuldades para o seu desenvolvimento:

- É uma modalidade de avaliação que ainda não é bem compreendida pelos docentes, tornando-a, assim, um instrumento frágil, no processo ensino-aprendizagem;

- O contexto institucional está voltado para a avaliação classificatória, dificultando, assim, a aplicação da avaliação formativa;
- Sua execução implica mudança de percepção de todo o processo ensino-aprendizagem por parte da equipe pedagógica.

Fernandes (2005) caracteriza a avaliação formativa, a partir das seguintes características descritas abaixo:

- Ativam os processos mais complexos do pensamento (Ex.: analisar, sintetizar, avaliar, relacionar, integrar, selecionar);
- As tarefas refletem uma estreita relação e a avaliação é deliberadamente organizada para proporcionar um *feedback* inteligente e de elevada qualidade, tendo em vista melhorar as aprendizagens dos alunos;
- O *feedback* é determinante para ativar os processos cognitivos e metacognitivos dos alunos, que, por sua vez, regulam e controlam os processos de aprendizagem, assim como para melhorar a sua motivação e autoestima;
- A natureza da interação e da comunicação entre professores e alunos é absolutamente central porque os professores têm de estabelecer pontes entre o que se considera ser importante aprender e o complexo mundo do aluno;
- Os educandos são deliberados, ativamente e sistematicamente envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, responsabilizando-se pelas suas aprendizagens e tendo amplas oportunidades para elaborarem as suas respostas e para partilharem o que, e como compreenderam;
- As tarefas propostas aos educandos que, desejavelmente, são simultaneamente de ensino, de avaliação e de aprendizagem, são criteriosamente selecionadas e diversificadas, representam os domínios estruturantes entre as didáticas específicas das disciplinas, que se constituem como elementos de referência indispensáveis, e a avaliação, que tem um papel relevante na regulação da construção do conhecimento;
- O ambiente de avaliação das salas de aula induz uma cultura positiva de sucesso baseada no princípio de que todos os alunos podem aprender. (Cf. FERNANDES, 2005, p. 68-69)

A avaliação mediadora é definida como uma relação dialógica na construção do conhecimento, isto é, propõe um modelo baseado no diálogo e aproximação do educador com o seu educando. Isso ocorre para que as práticas de ensino sejam repensadas e modificadas de acordo com a realidade sociocultural de seus educandos. Esse tipo de avaliação pretende se contrastar ao modelo do "transmitir-verificar-registrar" e se desenvolver, no sentido de uma prática avaliativa que permita a reflexão, favorecendo a troca de ideias, aumentando, desta forma, a interação entre o educador e o educando.

Nesta perspectiva de avaliação, o erro também é considerado como parte do processo da construção do conhecimento e não como algo passível de punição.

A avaliação somativa ocorre ao final de um processo educacional, que pode ser, por exemplo, bimestral, semestral, anual ou em ciclos. A proposta desta é realizar um balanço somatório de uma ou várias partes de um trabalho de formação. Seu principal objetivo é situar e classificar o educando, tendo a perspectiva de conclusão em evidência, pois se considera o final de um processo educacional. Esse tipo de avaliação nos oferece informações sintetizadas sobre o resultado do que pode ter sido assimilado pelos educandos. Serve para verificar, classificar, situar, informar e certificar o educando.

4. Análise do corpus

Analisaremos a definição de avaliação de alguns educadores do núcleo comum do CEJLL/NAVE pelas áreas de conhecimento do ENEM e para não expô-los serão identificados como **EDUCADOR I e II** ... Depois, para os do técnico, como **TÉCNICO I, II etc.**

4.1. Linguagens, códigos e suas tecnologias

EDUCADOR I

“Algo que deve levar em consideração o educando como um todo”. O educador utiliza o currículo mínimo. Verifica no dia a dia o aprendizado, caso perceba que o educando não aprendeu, reformula a aula, promove mudança na metodologia, conversa com os eles. Prepara para as avaliações externas. O docente se enquadra na função *formativa*.

“Avaliação é um processo de análise do conteúdo que você tem que dar conta, não é apenas o resultado final. O aluno precisa acompanhar o processo todo”. Este educador realiza uma prática em que a função da avaliação é a formativa.

EDUCADOR II

Avaliação é uma parte do nosso trabalho muito importante que é o educador ter uma resposta, ter um *feedback* dos alunos pra que você reflita sobre o seu trabalho.

A avaliação é um diagnóstico para que o educador possa modificar metodologias para que você possa reorganizar formas nas quais irá apresentar seu conteúdo, conseqüentemente, você pode estar percebendo que num determinado bimestre, o nível da relação ensino-aprendizagem não ficou legal, muitas vezes, porque o educador não está passando de uma maneira correta e, então, ele poderá modificar a forma como irá conduzir as aulas, então, percebo a avaliação como uma ferramenta de retorno, de percepção do trabalho que está sendo executado e é de suma importância para refletirmos uma prática mais apropriada para melhorar os métodos de ensino-aprendizagem. Essa construção da passagem do conhecimento e vice-versa, porque aprendemos muito, também, durante esse processo de ensino.

Este educador apresenta também, como a sua colega de área, uma visão *formativa* do processo.

4.2. Ciências humanas e suas tecnologias

EDUCADOR I

A avaliação pode ser feita de varias formas. A avaliação da atitude do aluno é muito importante, ver como o aluno se comporta em sala de aula, como lida com os colegas, como desenvolve e participa dos trabalhos, são elementos importantes de avaliação e formação do educando. O atitudinal é muito importante. Nesse sentido não cabe somente uma forma de avaliar.

Educador preocupado em reconstruir a sua prática de avaliação. Ele compartilha os resultados com o educando, participa do processo de construção do conhecimento fazendo parte integrante dele. Seu objetivo é promovê-lo. Nessa perspectiva, a avaliação é entendida como fonte de informação e referência para a formulação de práticas educativas que levem à formação global de todos os envolvidos no processo escolar. O docente se enquadra na função *formativa*.

EDUCADOR II

“A avaliação é uma continuidade. O dia a dia da sala de aula, o contato com o texto, saber escrever, entender sobre tempo espaço, cronologia, fazem parte do processo avaliativo cotidiano do aluno”.

Educador preocupado em reconstruir a sua prática de avaliação. Ele compartilha os resultados com o educando, participa do processo de construção do conhecimento fazendo parte integrante dele. Seu objetivo é promover, de fato, a aprendizagem. Nessa perspectiva, a avaliação é entendida como fonte de informação e referência para a formulação de práticas educativas que levem à formação global de todos os envolvidos no processo escolar. O docente se enquadra na função *formativa*. Também se enquadra na função *somativa* quando trabalha e analisa as avaliações internas e externas. A este respeito Esteban considera:

Avaliar o aluno deixa de significar fazer um julgamento sobre a sua aprendizagem, para servir como momento capaz de revelar o que o aluno já sabe, os caminhos que percorreu para alcançar o conhecimento demonstrado, seu processo de construção do conhecimento, o que o aluno não sabe e o caminho que deve percorrer para vir, a saber, o que é potencialmente revelado em seu processo, suas possibilidades de avanço e suas necessidades para que a superação, sempre transitória, do não saber, possa ocorrer. (ESTEBAN, 2004, p. 19)

4.3. Matemática e suas tecnologias

EDUCADOR I

Fazer que os alunos consigam aprender as informações que foram passadas e consigam aplicar o que depreenderam.

Usa Currículo Mínimo e tenta exercitar o cotidiano quando consegue material. Corrige com os alunos o SAERJINHO, mas não usa o relatório do sistema. Acredita que atividades práticas são importantes para o processo de aprendizagem, mas não encontra espaço para isso, o que dificulta o rompimento da prática tradicional.

Este educador é o mais novato. A definição é limitadora. Ainda identificamos uma abordagem tradicional pelas escolhas lexicais consigam aprender as informações que foram passadas”. Como? “Informações passadas”? Contudo, cabe ressaltar na sua reflexão uma percepção diferente do grupo ao dizer “Acredita que atividades práticas são importantes para o processo de aprendizagem, mas não encontra espaço para isso, o que dificulta o rompimento da prática tradicional”.

Na verdade, ele desabafa e, assim, demonstra seu descontentamento com o cotidiano escolar. Em pouco tempo, já percebeu que a escola cuja filosofia é a interdimensional e se propõe a ser inovadora, na prática, há ainda ênfase no cognitivo, no desempenho dos educandos, principalmente, nas avaliações externas como SAERJ e ENEM. Isso significa que a avaliação mais utilizada é a *diagnóstica* e *somativa* pela equipe do núcleo comum.

EDUCADOR II

“É verificar o cognitivo – assimilação dos conteúdos”. “Faço uso do teste discursivo para analisar o desenvolvimento da questão”. “Integro com o técnico. Meu foco é no conteúdo específico do Currículo Mínimo (CM)”. “O humano é analisado no conselho de classe”.

Ao analisar a resposta do educador mais antigo da instituição, verificamos que ainda a percepção é tradicional. Limitada ao cognitivo, a construção dos cálculos, do seu desenvolvimento. Mesmo ocorrendo integração com o técnico (no caso Programação), às vezes, sua parte se limita a orientar quanto ao conhecimento específico. Vale destacar também que, ao assumir o 3º ano, propõe um simulado, a fim de verificar o nível dos educandos na área do conhecimento. Sendo assim, neste momento, a função da avaliação é a diagnóstica. Ao longo do processo, só é observado o cognitivo como constatamos no fragmento “O humano é analisado no conselho de classe”. Esse posicionamento é incompatível com os preceitos educacionais da instituição: o interdimensional.

A prática deste educador se restringe à avaliação somativa, uma vez que se baseia

nos conteúdos e procedimentos de medida, como provas, teste objetivo, dissertações-argumentativas. Colabora para a avaliação somativa, tanto a avaliação diagnóstica quanto a avaliação formativa, que a avaliação da aprendizagem é um ciclo de intervenções pedagógicas de um mesmo processo (SOUZA)⁷⁹

⁷⁹<<http://www.webartigos.com/artigos/avaliacao-diagnostica-formativa-e-Formativa/40842/#ixzz3lVQW8l00>>

EDUCADOR III

Avaliação é uma forma de apreciar as competências trabalhadas na sala de aula, ver o progresso que o aluno teve. Essas competências estão relacionadas ao assunto da disciplina. A avaliação é uma prática extremamente necessária, porque, senão, o conteúdo fica muito solto. O tipo de público que nós estamos recebendo não conseguem lidar muito bem com uma certa liberdade. A gente dá a liberdade e eles talvez não saibam aproveitar. Por isso, é necessário que haja uma certa obrigatoriedade de avaliar para “puxá-los” para o professor.

Este educador tem um discurso condizente com a função porque

integra processos avaliativos e processo ensino-aprendizagem, tendo caráter interativo. Sua principal função é a de regular e melhorar as aprendizagens dos alunos; é a de conseguir com que os alunos desenvolvam as suas competências de domínio cognitivo e metacognitivo.

Entretanto, a prática se limita à aplicação de dois testes e uma prova (a institucional: PI – prova integrada).⁸⁰

4.4. Ciências da natureza e suas tecnologias

EDUCADOR I

“Método usado para aferir o conhecimento. Teste – trabalho em dupla. Tirei o atitudinal dado os problemas atuais. Diminui os trabalhos por causa da orientação da escola. No lugar, teste”.

Pelas práticas realizadas e da forma como são propostas, o educador utiliza a forma somativa.

EDUCADOR II

“Cognitivo – teste misto. Destaco o fato de não ver o nome do aluno no processo de correção das avaliações. É a análise – diagnóstico – é somativa – formativa ..”.

Cabe destacar que foi o único educador a mencionar a tipologia. Ele se apropria das nomenclaturas e as utiliza de diferentes formas em prática pedagógica.

As próximas definições a serem apresentadas são da área técnica.

⁸⁰ <<http://www.pedagogia.com.br/artigos/avaliacaoformativa/index.php?pagina=2>>

ÁREA TÉCNICA

Para não identificar os cursos técnicos e seus educadores, eles serão apresentados como Técnico I, II, III etc.

TÉC I

A avaliação é um processo que põe à prova a qualidade das interações que surgem do enfrentamento dos alunos com o conhecimento, com seus colegas e professores. E prova é um instrumento de mensuração. Não podemos confundir prova com avaliação.

Um aspecto importante refere-se ao “o quê” avaliar na escola. Eu digo que só podemos avaliar aquilo que foi ensinado. Como a proposta do NAVE é de uma educação interdimensional, considero necessário criar meios de avaliar o aprender a ser, o aprender a se relacionar, o aprender a produzir e o aprender a aprender, pois são dimensões bem distintas, assim como devem ser diferenciados os instrumentos para avaliar cada uma dessas instâncias. Isso significa que uma prova não é a melhor maneira para se avaliar conteúdos atitudinais, mas pode ser no caso da avaliação de conceitos e procedimentos.

O que considero mais importante é que a avaliação escolar só faz sentido se estiver a serviço do êxito de todos os alunos. Avaliar sob o mero pretexto de avaliar, não vale nessa perspectiva. Vale, sim, avaliar para conhecer e encontrar o que precisa ser melhor trabalhado e desenvolvido (tanto por parte do aluno quanto do professor). Avaliar é um processo de adicionar conhecimento e não de subtrair dificuldades de conhecer, relacionar-se e produzir.

O educador tem conhecimento das novas concepções de avaliação e da teoria norteadora da instituição. Sua reflexão está condizente com o que se almeja dos componentes desta NAVE de conhecimentos.

TÉC II

“Tentativa de averiguar o grau de compreensão do conteúdo abordado”.

Este educador também ainda apresenta uma definição (como a anterior) muito voltada para a visão tradicional cuja função seria a *somativa*.

TÉC. III

No que concerne aos educandos, penso que a avaliação seja um processo promovido pelo educador para auxiliar os educandos na sua autoavaliação, para que percebam eventuais lacunas no seu processo de aprendizagem. No que

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

concerne ao educador, penso que o objetivo primeiro da avaliação seja prover fundamentos para ratificar escolhas, ou subsídios para eventuais mudanças de estratégias.

O educador apresenta um entendimento da temática de acordo com a visão da *formativa*. A construção do conhecimento é um processo. Devemos a todo o momento averiguar como os interagentes envolvidos estão desenvolvendo as diversas competências e habilidades. Cabe ressaltar que ele orienta toda a equipe para uma prática cotidiana com a participação dos educandos com base na leitura de Zabala (2002).

TÉC IV

“Avaliar, para mim, tem a ver com tentar medir e mensurar o quanto alguém é capaz de expressar, através da própria prática, um conjunto de saberes que lhe foi apresentado”.

O educador apresenta uma visão ainda *tradicionalista* do processo ao utilizar termos como: <medir> e <mensurar>.

TÉC. V

Processo contínuo de acompanhamento e análise da prática em sala, tanto do educador como da resposta dos educandos ao que foi desenvolvido. Manter uma forma de registro deste acompanhamento, compartilhar com os educandos e criar oportunidades para refletir juntos ao longo dos encontros em sala de aula.

Realiza uma prática formativa, um trabalho voltado para os pilares da educação. No que se refere a esta resposta, podemos dizer que o educador desenvolve o saber fazer. O educando avalia seu próprio processo de construção de conhecimento e o discute com o educador.

TÉC VI

“Avaliação é uma forma de saber se o objetivo de aprendizagem de um determinado conteúdo foi apreendido pelo educando”.

Este educador já apresenta uma visão *tradicional* de definição do ato de avaliar. Hoje, pelas novas teorias não se restringe mais a uso.

TÉC. VII

Avaliação, para mim, é a forma que o educador tem para conferir se os educandos conseguiram absorver os conceitos apresentados em aula. Não fazer os educandos decorar e repetir, mas compreender. Muitas vezes os educandos acham que compreendem o conceito por repetir satisfatoriamente uma tarefa específica. Mas, é na hora de explicar que percebem que o fazer é diferente de entender.

Pelas escolhas lexicais, este educador apresenta uma *visão tradicional* da temática: <conferir>, <absorver>. Entretanto, constatamos também uma preocupação com o entendimento dos conceitos a serem trabalhados.

TÉC VIII

Na minha concepção, avaliação é uma prática apresentada para os educandos que os testarão em algum conteúdo. Porém, existe muita coisa envolvida na pré- e na pós-avaliação que, acredito eu, o seu grupo de pesquisa deve estar trabalhando forte em cima disso.

Este educador já apresenta na sua definição, uma preocupação com o processo que deve ser levado em consideração. Assim, podemos dizer que engloba as três funções: *diagnóstica, somativa e formativa*.

TÉC IX

Avaliar, para mim, é das tarefas mais difíceis no nosso trabalho. É um procedimento que nos afirma como autoridades em sala de aula, nos dá poder. Ou seja, se não for algo feito com muito cuidado, com procedimentos como os que citaram, mais horizontais, pode acabar virando algo punitivo, além de se tornar o centro de todo o processo em sala de aula: conseguir o raio da nota. Agora, que estamos no final do ano, isso tem sido muito comentado entre os alunos: já tenho nota para passar nas aulas de fulano e fulano, não preciso ir; ainda falta tanto para passar na matéria tal.

O educador revela preocupação com a temática e relata realizar também a diagnóstica. Vale destacar o que comenta deste “fim de ano” na perspectiva do educando sobre o que é avaliação. O que constatamos é uma visão meramente tradicional do processo avaliativo. Isso nos faz lembrar das definições analisadas e ratificar o quanto nossa instituição ainda é por demasiado *tradicional*. Impera a função *diagnóstica* e *somativa*. Na maioria das práticas, a *formativa* ainda é apenas um tempero e não um ingrediente obrigatório. Assim, concluímos que o CJLL/NAVE

ainda tem um longo caminho pela frente para decolar rumo à educação do século XXI.

5. *Categorias*

A partir da leitura de textos sobre avaliação e da análise do *corpus*, proporemos uma categoria⁸¹ para os educadores:

TIME 1:

TRADIFORMATIVOS (diagnóstico – somativo – formativo):

navegantes entendem a proposta institucional de um ensino interdimensional. Mas não só a definição do termo “avaliação” é tradicional “medir” como também apenas consideram o cognitivo nos instrumentos avaliativos. O socioemotivo não é avaliado.

TIME 2:

SEMIFORMATIVOS (diagnóstico – somativo – mediadora - formativo):

educadores que apresentam uma prática oscilante entre o tradicional (meramente cognitivo) e o formativo. Não sabem bem como fazer – pôr em prática o que leem sobre o ensino interdimensional e os quatro pilares educacionais.

TIME 3:

FORMATIVANDOS (diagnóstico – somativo – mediadora - formativo):

educadores que apresentam práticas mais formativas e o entendimento do termo “avaliação” mais condizente com as atuais orientações. Entretanto, por causa das avaliações externas (ENEM – SAERJ – Primeira escola...) e da cobrança de bom desempenho para atingir metas, muitos educadores não ousam desbravar novas formas avaliativas. Os tripulantes desta NAVE (ousamos prever até 2030) ainda se mantêm assim entre o *tradicional* e o *atual* modelo considerado pelos pedagogos condizentes com as orientações vigentes nas documentações (PCN, DCN...).

⁸¹ A partir da análise do corpus, a categoria foi elaborada e proposta pela educadora Renata da Silva de Barcellos.

Você, leitor, deve estar se questionando: Por que esta previsão? Qual a fundamentação? Chegamos a esta probabilidade com base na formação oferecida aos recém-licenciados nos diversos cursos de licenciatura oferecidos no Brasil. Nas disciplinas pedagógicas, o educador lê os documentos e orientações vigentes, mas o como propor novas práticas para atender às demandas do mundo contemporâneo ainda são muito raros. Cabe ressaltar que o próprio modelo de aula recebido ao longo da graduação é *retrógrado!!!* A prática realizada é incoerente com o propósito. Assim, o educador acaba reproduzindo o modelo vivenciado e predominante ao longo da sua vida acadêmica. *Lamentável* realidade educacional brasileira!!

TIME 4:

INOVADORES (diagnóstico – somativo – mediadora -formativo):

educadores com a visão mais à frente das novas orientações educacionais. Navegantes mais destemidos e desejosos de novos mares. Constantemente, estão em busca de novidade para atingir um processo avaliativo eficaz. Aquele que, de fato, contempla as diversas formas avaliativas em prol não só das exigências do mercado de trabalho como também do ingresso na universidade.

6. Considerações finais

Com base na análise do *corpus* e na atual realidade (a tecnologia como ferramenta pedagógica), o educador que, outrora, na visão tradicional, era o detentor do saber e, por consequência, o transmissor do conhecimento; agora, está diante de um enorme desafio: o da ressignificação da sua prática pedagógica. Como trabalhar os conteúdos da sua área de atuação com o auxílio da tecnologia a fim de motivar o educando e, por consequência, construir conhecimento?

Antes, o educador entrava em sala de aula, com as etapas bem definidas, como se pudesse prever tudo da forma a ocorrer. Hoje, ele pode (melhor dizendo *deve*) navegar a cada encontro em mares diferentes (locais de construção de conhecimento: museu – praça – biblioteca – laboratório etc.) ou nunca dantes navegados. Organiza a proposta (conteúdo – material), mas a orientação passou a ser individual (o ideal é *permitir* que o educando seja *protagonista*), pois cada educando mergulhará de forma e por caminhos diferentes para a construção do conhecimento. Dessa

forma, o educador não tem mais o absoluto domínio da situação. Isso é modelo *ultrapassado*. A tarefa é fácil? Não! Demanda *comprometimento*. Como? Alguns hábitos precisam ser adotados. São eles: realização de cursos e leitura sobre a nova abordagem da nossa área de atuação, os anseios do jovem do mundo contemporâneo, as propostas de uso da tecnologia como ferramenta pedagógica etc.; ou seja, capacitação constante para que formas inovadoras de avaliação da construção do conhecimento surjam.

O educador deve estar atento para o processo – para a travessia do rio – e não mais somente para o resultado – se ele chegou do outro lado. O que utilizou para chegar lá? Fez o percurso mais simples? Teve dificuldades? Quais? Segundo Bohm (1980), a capacidade de perceber ou pensar de modo diferente é mais importante que os conhecimentos construídos. Para este autor, o mais significativo é o processo de conhecer.

A partir dessas breves considerações e da análise do *corpus*, este estudo nos propiciou um melhor entendimento de uma questão muito temida ainda: a avaliação. Compreendemos que não é mais meramente cognitiva, diagnóstica, mediadora etc. Hoje, é um guia orientador dos interagentes do processo educacional: educador e educando. Os dois são sujeitos da construção do conhecimento. Ambos estão em constante transformação.

Constatamos assim que os educadores do CEJLL/NAVE ainda têm um longo caminho a seguir. Pela análise realizada do corpo docente das diversas áreas de conhecimento e, a partir dessa, a categoria proposta, verificamos que ainda estamos navegando lentamente. Estamos por demais cautelosos, receosos de ousar por causa da cobrança de resultados das avaliações externas (como foi salientado por alguns educadores). *Naveguemos, ousemos*, os resultados são consequências de boas tentativas de práticas inovadoras e motivadoras. Nada adianta propor novidades e essas não serem do agrado do perfil do nosso educando. Esse olhar observador de pesquisador é cada vez mais *crucial* para detectar o que propor.

A ausência de uma prática pedagógica condizente com as atuais orientações é uma barreira para a construção do conhecimento e, ousamos dizer, para a motivação do educando nesta instituição de ensino. Urge a mudança da percepção do que é avaliar (como verificamos na definição de vários educadores) e da metodologia adotada / da prática desenvolvida. Defendemos a ideia de que é possível inovar e atingir as metas (entrada no mercado de trabalho e ingresso na universidade) estabelecidas pelas parcerias Oi Futuro e SEE de forma inovadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOHM, D. *A Totalidade e a ordem implicada*. São Paulo: Cultrix, 1980
- ESTEBAN, M. T. (Org.). *Escola, currículo e avaliação*. São Paulo: Cortez, 2003.
- FERNANDES, D. *Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto, 2005.
- GADOTTI, M. *Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito*. São Paulo: Cortez, 1984.
- GOMES, S. *Tessituras docentes da avaliação formativa*. 2003. Dissertação (de Mestrado em Educação). – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- JORBA, J.; SANMARTI, N. A função pedagógica da avaliação. In: _____. *Avaliação como apoio à aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- LUCKESI, C. *Avaliação da aprendizagem escolar*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MATUI, J. *Construtivismo: teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino*. São Paulo: Moderna, 1995.
- PERRENOUD, P. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens, entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- POSTMAN, N. *O fim da educação*. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.
- PRENSKY, M. Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. *On the Horizon*. NCB University Press, vol. 9. n. 5, October 2001a.
- SILVA, E. A. *Avaliação formativa por meio da tutoria por alunos: efeitos no desempenho cognitivo e no nível de satisfação dos aprendizes*. 2006. Dissertação (de Mestrado em Educação). – Pontifícia Universidade Católica de Brasília, Brasília.
- SILVA, M. C. *A avaliação formativa e somativa: um estudo comparativo de seus efeitos no rendimento escolar na retenção das aprendizagens e na atitude do aluno*. 1979. Dissertação (de Mestrado de Educação). – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- TEDESCO, J. C. *O novo pacto educativo*. São Paulo: Ática, 2001.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

VASCONCELLOS, C. S. *Avaliação concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar*. São Paulo: Cadernos Pedagógicos do Libertad, vol. 3, 2000.

VIANNA, H. M. *Avaliação educacional: teoria, planejamento, modelos*. São Paulo: IBRASA, 2000.

VILLASBOAS, B. M. *Portifólio, avaliação e trabalho pedagógico*. São Paulo: Papirus, 2004.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Artmed. Profissão. Professor; Lisboa: Don Quixote, 2002.

ANEXO

Quadro com as funções avaliativas/áreas de conhecimento

PRÁTICAS AVALIATIVAS	DOCENTES	DIAGNÓSTICO	SOMATIVO	FORMATIVO	TRADICIONAL
PORT	I			X	
	II			X	
	III			X	
	IV			X	
subtotal	5	0	0	4	0
MAT	I	X		X	
	II			X	
	III			X	
	IV		X	X	
subtotal	4	1	1	4	
HIST	I		X	X	
	II			X	
subtotal	2	0	1	2	
GEO	I		X	X	
	II		X	X	
subtotal	2	0	2	2	0
ARTE	I			X	
	II			X	
subtotal	2	0	2	2	
QUIM	I			X	X
	II			X	X
subtotal	2	0	2	2	2
FÍS	I		X	X	
	II		X	X	
subtotal	2	0	2	2	0
LÍNG. ES-	I		X	X	

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

TRANG.	II	X	X	X	
	III		X	X	
subtotal	3	1	0	3	0
PROJ. VI- DA I	I			X	
	II				
subtotal	1	0	0	1	0
ED. FÍS.	I			X	
	II			X	
subtotal	2	0	0	2	0
BIOL.	I		X	X	
	II			X	
subtotal	2	0	1	2	0
SOC.	I			X	
	II			X	
subtotal	2	0	0	2	
FIL.	I		X	X	
	II		X	X	
subtotal	2	0	2	2	
CURSOS TÉC.	TEC I		X	X	
	TEC II		X		X
	TEC II			X	
	TEC IV		X		X
	TEC V			X	
	TEC VI			X	
	TEC VII		X		X
	TEC VIII			X	X
	TEC XIX			X	
	TEC X			X	
	TEC XI			X	
	TEC XII	X	X		X
	TEC XIII			X	
	TEC XIV			X	
	TEC XV			X	
	TEC XVI			X	
	TEC XVII	X	X	X	
TEC XVIII			X		
TEC XIX			X		
subtotal	17	2	6	15	5
TOTAL	44	4	17	35	7